



RETÓRICA POPULISTA: ANTIGO PROBLEMA DA DEMOCRACIA

Rodrigo Ribeiro Bedritichuk¹

Palavras-chaves: Populismo. Crise da Democracia. Democracia Grega.

RESUMO

Crise da democracia e populismos

No contexto da democracia direta na antiga Atenas, era comum a crítica de filósofos contra os chamados demagogos, políticos que usavam de retórica vazia para convencer a assembleia a tomar determinada resolução, mas em prejuízo da coletividade. O cenário político moderno, de democracias representativas, apesar de notadamente diferente das democracias antigas, convive também com a retórica demagógica, potencializada pelos fatores associados às sociedades de massas. O fenômeno do populismo surge aí, criando, muitas vezes, instabilidade dentro de um sistema político.

Eventos da política global acenderam o alerta sobre a atual crise da democracia representativa e a escalada do populismo. A eleição improvável de Trump na democracia mais importante no mundo, a saída do Reino Unido da União Europeia, o crescimento de partidos como a Frente Nacional na França, a Liga do Norte na Itália e a Alternativa para a Alemanha são exemplos bastante recentes.

O Brasil talvez nunca tenha se livrado desse risco, seja pela fragilidade de suas instituições (O'DONNELL, 1994), seja pelo contexto social, aliás, comum em praticamente toda a América Latina, onde as fortes desigualdades e as constantes crises criam um senso de urgência das reformas e um ambiente propício para que um líder político de feição messiânica assuma o poder com poucas limitações institucionais (PASQUINO, 2008).

O populismo tem se mostrado como um fenômeno comum a todos os espectros ideológicos, e a novidade é que tem efetivamente se colocado como uma realidade em democracias consideradas consolidadas (ALBERTAZZI; MCDONNELL, 2008).

Se a democracia pressupõe o “governo do povo, pelo povo e para o povo”, para citar Lincoln, por que o populismo, que se apresenta como movimento eminentemente popular, seria um fenômeno nocivo à democracia? Esse é um ponto que divide analistas.

Alguns veem o populismo como vontade de mais democracia, desejo legítimo de maior participação popular, ou mesmo movimento de resistência democrática contra as elites

¹ Senado Federal (bedritichuk@gmail.com).

IX JORNADA DE PESQUISA E EXTENSÃO

*O Espaço da Democracia: desdobramentos políticos e reflexos na gestão do Poder Legislativo
17 e 18 de setembro - Câmara dos Deputados, Brasília-DF*



políticas (LACLAU, 2005; MENDONÇA, 2014). Talvez, a maioria dos analistas tenha resistências com relação ao populismo pelo desprezo aos canais institucionais e pela ênfase desmedida na soberania popular, fatores que podem gerar instabilidades consideráveis em um país democrático (PASQUINO, 2008).

Essas análises divergentes parecem apontar para o fato de que populismo e democracia são conceitos imbricados desde o seu nascedouro, haja visto que o problema da demagogia já preocupava os políticos atenienses desde o século V a.C. O populismo atual, seguindo essa linha de raciocínio, seria apenas a feição moderna do problema da demagogia, ambos entendidos como produtos diretos e até naturais da própria democracia.

Um problema novo e antigo

Frequentemente, os estudos democráticos se voltam para a Atenas clássica do século V a.C., não em busca de reproduzir os institutos da democracia direta daquela sociedade, mas vendo ali um modelo ideal do espírito democrático e da participação popular, guardando, obviamente, as devidas proporções em relação às democracias atuais. Se os gregos já se depararam com o problema do populismo, ou melhor, da demagogia, na própria gênese da democracia, seria relevante resgatar o debate antigo sobre esse tema para enriquecer a discussão atual.

A questão que se coloca como objeto da presente investigação é entender como os atenienses lidaram com o problema da demagogia em seu sistema democrático. Quem eram os demagogos, que elementos institucionais favoreciam ou desestimulavam a atuação deles, até que ponto isso era encarado como um problema, e como foi resolvido – são todas questões abordadas.

Tendo em vista a amplitude ideológica dos movimentos populistas atuais, parte-se da interpretação de que o populismo não é propriamente uma ideologia, mas uma retórica que utiliza discursos comuns para acessar o poder (NAIM, 2017). Nesse sentido, o populismo pode ser visto como uma nova roupagem da velha demagogia, razão pela qual busca-se nos gregos subsídios históricos, filosóficos e políticos para aprofundar o debate.

Essa interface entre democracia antiga e moderna contribui para alargar o conhecimento sobre os perigos e os limites da democracia enquanto prática de governo, fornecendo elementos que poderão ajudar a enfrentar os problemas que se colocam como desafios aos sistemas políticos atuais.

Método e resultados

Para entender o problema da demagogia na Grécia antiga, foram utilizadas fontes primárias, de autores que viveram no período clássico ou próximo dele, tais como Tucídides, Aristóteles, Platão, Demóstenes e Plutarco. O apanhado histórico permite traçar os elementos institucionais mais importantes da democracia direta ateniense, bem como observar qual o tratamento dado aos demagogos. Obviamente, a análise foi complementada por autores

IX JORNADA DE PESQUISA E EXTENSÃO

O Espaço da Democracia: desdobramentos políticos e reflexos na gestão do Poder Legislativo
17 e 18 de setembro - Câmara dos Deputados, Brasília-DF



contemporâneos, que enriqueceram a análise com investigações arqueológicas e análises críticas.

A pesquisa primeiramente aponta para o fato de que os demagogos eram avaliados pelo resultado de suas políticas. Em contexto de democracia direta, exigia-se certa capacidade de convencimento das multidões nas assembleias, de forma que os líderes necessariamente deveriam ser dotados de recursos retóricos e discursos marcantes. A demagogia, assim, era avaliada não pela retórica passional, e sim pelo resultado das políticas, quando se percebia que determinado político orientava o povo para um caminho tomado seja para benefício próprio, seja em prejuízo do bem comum (FINLEY, 1988).

Recursos que buscavam minimizar os efeitos nocivos da demagogia eram o ostracismo, exílio político temporário, e o *graphé paranamon*, espécie de processo judicial tomado contra um ato contrário ao interesse público. No entanto, o que mais se aproveita para a discussão atual sobre o populismo são os contornos institucionais que facilitavam o surgimento dos demagogos. Finley (1988) aponta para a fragilidade das maiorias eventuais, que poderiam mudar a cada deliberação, e a rapidez nas deliberações, uma vez que um item colocado na pauta da assembleia era discutido e votado no mesmo dia.

A pesquisa mostra que, de fato, a democracia convive desde muito com o risco permanente de manipulação das massas, exigindo mecanismos institucionais que possam prevenir o sistema político dessa ameaça. Afinal, se se quiser manter a democracia como valor político fundamental, deve-se colocar freios à soberania popular e, portanto, às retóricas populistas, para que não ocorra como em Atenas, quando o próprio povo votou pelo fim da democracia.

REFERÊNCIAS

ALBERTAZZI, Daniele; MCDONNELL, Duncan. Introduction: The Sceptre and the Spectre. In: _____ (Org.). **Twenty-First Century Populism: The Spectre of Western European Democracy**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

FINLEY, Moses I. **Democracia antiga e moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LACLAU, Ernesto. **On Populist Reason**. New York: Verso, 2005.

MENDONÇA, Daniel. Populismo como vontade de democracia. **Colombia International**, v. 82, p. 59-71, 2014.

NAIM, Moisés. How to be a populist. **The Atlantic**, 21 Apr. 2017. Global. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/04/trump-populism-lepen/523491>> Acesso em: 25 mai. 2018.

O'DONNELL, Guillermo. Delegative Democracy? **Journal of Democracy**, v. 5, n. 1, p. 55-69, Jan. 1994.

PASQUINO, Gianfranco. Populism and Democracy. In: ALBERTAZZI, Daniele; MCDONNELL, Duncan (Org.). **Twenty-First Century Populism: The Spectre of Western European Democracy**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.